

humanitas

Vol. XXXIX-XL

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

XXXIX-XL



C O I M B R A

MCMLXXXVII-MCMLXXXVIII

*signum dedit, pateret
 natura singulorum ut.
 Latratibus canis sic
 suae indicem dat irae.
 Taurus monet furorem
 quod cornuis petendo
 laedat, uenena caudis
 serpens gerit, timendus
 et scorpius cauetur.
 Est nuda frons, sed index
 mortalibus negatus,
 ut nosse quis bonus sit
 nequeas, tibi a maloque
 dum tempus est cauere.
 Dextra tenet tabellam
 rasam, notis nec ullis
 insignem, amicus ut sit
 qualis tuus, colis quem
 tot sedulus per annos.
 Scribas mihi potes si,
 num candide, dolo ne
 tecum egit, at recusas.*

i.e.

NÃO TE FIES NAS APARÊNCIAS

Ao português Aquiles Estaço

A tudo quanto Deus criou
 na terra e nas ondas do mar
 concedeu um sinal para tornar
 patente a natureza de cada criatura.
 É com os latidos que o cão
 dá indício da sua sanha.
 O touro anuncia a sua fúria
 sempre que, ao investir com os chifres,
 ataca e fere, e é na cauda que a serpente
 traz o veneno e que o temível
 escorpião recomenda cautela.
 É nua a fronte dos mortais
 e desprovida de denúncia,
 para não conseguires saber
 quem é bom, nem precaver-te
 contra o mal enquanto é tempo.
 O teu amigo segura na mão direita
 uma tábua rasa e sem marcas

nem qualquer sinal, para continuar
 igual àquele a quem tu estimas
 com desvelo há tantos anos.
 Escreve-me, se puderes, a dizer
 se acaso ele te tratou com boa fé,
 se com engano e o recusas.

A presença do nome de Estaço no livro do humanista húngaro pode significar que este, apesar de mais novo sete anos, o terá conhecido, se não pessoalmente, ao menos pela irradiação da obra do fitólogo português publicada em algumas das cidades onde também Sambuco veio a editar grande parte dos seus livros, designadamente em Paris e sobretudo em Antuérpia — o primeiro, nesta última, a partir de 1553 e o segundo a começar dez anos mais tarde. Mas não é de todo improvável que os dois humanistas se tenham cruzado em Paris já pelos anos de 1551-1552, quando Sambuco aí se demorou pela primeira vez. De resto, se bem interpretamos a parte final do texto do emblema acima transcrito, ele parece confirmar esta hipótese, pois a estima de Estaço por Sambuco nele recordada em 1564 (a dedicatória da p. 232 tem data de 3 de Janeiro e o cólofon a de 25 de Agosto) vinha de longos anos atrás (*amicus ... tuus ... colis quem tot sedulus per annos*). Enfim, as posteriores viagens de Sambuco pela Itália, onde travou conhecimento e amizade com grandes eruditos da época (alguns dos quais foram também amigos e admiradores de Aquiles Estaço), pode ter permitido ou continuado o contacto dos dois escritores. Seja como for, este emblema de Zsámboky János — que, além de ostentar a tríade característica da literatura emblemática, assume, ainda, uma certa feição epistolar no fecho da sua composição — alarga, ainda mais, para outros espaços do mundo não românico o prestígio do humanista português da Vidigueira.

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

PHILIPPE WOLFF, **Outono da Idade Média ou Primavera dos Novos Tempos?**, Lisboa, «Edições 70», Col. **Lugar da História**, 1988, 328 p.

Na sequência de outras notáveis obras suas, como *Commerces et marchands de Toulouse (vers 1350 — vers 1450)*, Paris, Plon, 1954 (740 p.) e *Les estimes toulousaines des XIV^e et XV^e siècles*, Toulouse, Assoc. Marc Bloch, 1956 (355 p.), e vários artigos sobre história económica do período de viragem entre a Idade Média e os tempos modernos, Philippe Wolff apareceu com um novo livro, *Automne du Moyen Âge ou printemps des temps nouveaux*, Paris, Aubier, 1986, que representa um repensar de alguns dos seus próprios juízos anteriores acerca da época medieval e que, em boa hora, as Edições 70 incluíram recentemente na sua colecção «Lugar da História».

Partindo da designação de Huizinga de que a Idade Média teria sido um Outono, pois, ao mesmo tempo que marca a aproximação do Inverno, é a estação dos frutos, o Autor, para quem essa época já teve desagradável reputação, acaba por interrogar-se se não seriam, antes, os séculos XIV e XV uma Primavera «ainda frequentemente atravessada pelas geadas do Inverno, mas rica de tantas promessas». Dialecticamente, opõe o «João que chora» ao «João que ri», para, finalmente, fazer «Uma tentativa de balanço» e acrescentar, ainda, algumas considerações sobre «Problemas de fontes e de métodos».

Entre as causas de choro, aponta aquelas contra as quais já nas antigas preces se pedia o auxílio divino: fome, peste, guerra. Embora sejam esses os sofrimentos do homem medieval normalmente citados pela maioria dos autores, Wolff vai mais longe: fala das condições climáticas, estabelece uma cronologia, mostra que eles não se fizeram sentir da mesma forma por toda a Europa, relacionando-os entre si e interpretando-os. Depois de distinguir fome e penúria e três tipos de peste (a bubónica, a pulmonar e a negra), as três causadas pelo mesmo bacilo, discute as consequências demográficas, económicas, sociais, morais, religiosas e artísticas dos flagelos: a crise de mão-de-obra, a obrigação de qualquer tipo de trabalho ser aceite por homens e mulheres válidos com idade inferior a sessenta anos, o bloqueamento do, salários, o sistema de sanções estabelecido para quem tentasse fugir ao estatuídos a crescente tensão entre as diferentes camadas sociais, a interpretação da peste como um castigo divino, a propagação do culto a S. Sebastião e a S. Roque, a multiplicação dos cortejos de penitentes flagelantes, a missa instituída por Clemente VI contra a peste, a invasão da iconografia por motivos como o da Dança Macabra e da cólera divina desferindo flechas, o nascimento do imposto e a formação de exércitos permanentes, o desenvolvimento da artilharia, o aparecimento dos «condottieri», a criação do sistema monetário.

Contra a explicação malthusiana de que a depressão se iniciou por volta do século XI pela expansão demográfica ocorrida e pelo esforço em alcançar uma produtividade menor que libertou braços e ocasionou êxodo rural e arroteamento, aos motivos marxistas, que vêem na moeda a causa da derrocada, Wolff recusa esta última tese por retórica e conclui que: ao desvio cada vez maior entre o crescimento demográfico e a produção agrícola se deve acrescentar, sem perder de vista o aspecto social, a guerra, «mesmo onde as suas devastações visíveis não se fizeram sentir»: variando, em época e manifestações diferentes de país para país, a depressão tem início por volta de 1270, como atestam documentos relativos à Inglaterra, e é uma população subalimentada que a Peste Negra encontra por volta de 1348.

Mas, apesar de tudo, Wolff capta o lado positivo das desgraças, a face risonha de João: as melhorias introduzidas na agricultura, nos negócios e nos transportes, documentadas por variadíssimas fontes que o Autor não despreza e vai arrolando. Relacionando sempre os factos, mostra como o crescimento da população urbana acarretou o alargamento da gama de cereais, hortaliças e frutos cultivados e o desenvolvimento da criação de gado, que, por sua vez, determina «a associação do capitalista urbano com o camponês»; de que forma os dias de abstinência multiplicados pela religião ocasionam um aumento do consumo de peixe, nomeadamente do bacalhau, cuja pesca desempenha importante papel nas descobertas em direcção à América do Norte; aponta as consequências, na indústria e no comércio, das necessidades de temperar os alimentos com azeite, manteiga, sal ou sal-gema, ou ainda com espe-

ciarias; e, finalmente, discorre sobre o consumo do vinho e as actividades com ele ligadas, com a criação de vinhedos na cintura das cidades, o envelhecimento da bebida, os respectivos impostos e a sua importância nas finanças municipais.

Analisando as causas da passagem, no séc. XIII, em certas regiões, de uma simples agricultura de subsistência para a exploração de mercado, facto que se confirma e consolida nos séculos XIV e XV apesar da inversão da conjuntura, Wolff aponta a transumância, sobretudo em Espanha, para o carneiro merino, e a exploração da floresta, e indica três regiões nas quais uma evolução para a pecuária transforma o sistema agrário e prepara a «revolução agrícola»: os Países Baixos, o Leste inglês e a planície do Pó.

Para além dos progressos já citados, o Autor relaciona as inovações técnicas da época, assinalando as que mais modificaram as condições de trabalho humano: a transformação de um movimento circular contínuo, como o produzido pela mó do moinho, em movimento rectilíneo alternado, que permite o aperfeiçoamento dos tornos para o trabalho em madeira e metal, além do fabrico de bombas de aspiração e de compressão, que revolucionaram a mineração; a mecanização do pisoamento, que abre novos caminhos à indústria têxtil; o aperfeiçoamento dos teares para a confecção de desenhos complicados; a difusão dos segredos do fabrico do vidro, que leva ao surgimento do óculo côncavo e ao espelho; o aperfeiçoamento das condições do tratamento dos minérios, que permite um maior rendimento da produção do ferro; o uso do carvão mineral, em lugar do vegetal; a separação quase total entre a prata e o cobre argentífero pela adição de chumbo, o que vai permitir a utilização daquele metal em larga escala, nomeadamente na construção de embarcações de longo curso e, conseqüentemente, os grandes descobrimentos; a ampliação e o equipamento das minas, que, exigindo grandes investimentos, modificam a forma de trabalho dos mineiros, que já não o fazem por conta própria, mas em troca de um salário, o que resulta na formação de associações laborais para defenderem os seus interesses frente aos empregadores e vigiarem as condições de trabalho. Entre as mudanças operadas no modo de produzir, Wolff dá especial relevo ao fabrico dos livros, destacando não só os aperfeiçoamentos ocorridos na indústria papelreira, resultantes da melhor transmissão de energia, aliada ao aumento do volume de trapos oriundos da generalização do uso do pano para a roupa interior e à expansão da cultura do cânhamo e do linho, como também os melhoramentos introduzidos pelos ourives e cunhadores de moedas, que levaram à substituição da xilogravura por caracteres de metal. O Autor enumera, ainda que rapidamente, algumas das consequências do aparecimento da imprensa, destacando que, apesar de se imprimirem inúmeras obras em latim, é à difusão das línguas vulgares que ela presta valioso serviço.

É, no entanto, na forma de exercer o comércio que Wolff aponta as mudanças por ele consideradas mais positivas e que põem em causa as teorias de que era usura qualquer acréscimo sobre o capital que se emprestava: o nascimento dos seguros, com a noção de prémio; os primeiros passos da banca, a partir de operações de câmbio, como o «câmbio sacado» e a letra de câmbio; a contabilidade, nascida na Itália, por partidas dobradas, entre 1250 e 1400, mas que se desenvolveu sem qualquer uniformidade na Europa até ao século XVI, quando teve a sua difusão facilitada pelo tratado de Luca Pacioli; o decréscimo das feiras e o progresso das associações, tanto as de comércio marítimo como as companhias de comércio terrestre, de base

familiar. Relacionando-as com as demais melhorias — na agricultura, na indústria, no comércio — Wolff delinea, por fim, a última face risonha da Alta Idade Média: a evolução dos transportes e a circulação de materiais. Se, em terra, o predomínio das bestas de carga coloca em segundo plano os progressos técnicos, como os carros de duas ou quatro rodas — usados nas vias boas —, é nos transportes marítimos que se notam as melhorias mais significativas: procura-se não só aumentar a capacidade de carga dos navios, mas também a sua velocidade e estabilidade; surgem a galé, a konge hanseática e, finalmente, a nau, oriunda desta, encontrável em Veneza, Pisa e Génova e diferente das naus do Atlântico, todas com capacidade cada vez maior. Com isto, salvo em casos de mercadorias caras e facilmente deterioráveis pelo contacto com a humidade, o transporte preferido foi o marítimo, cujo crescimento determinou, aliás, não apenas o declínio das feiras, como o das organizações postais a elas ligadas, sendo a circulação das notícias feita não só pelos mercadores e patrões de navios, mas também por correios a cavalo (para distâncias curtas) e por uma via postal marítima — a *Scarsella dei Mercanti Fiorentini*, a primeira conhecida, que todas as semanas mandava o correio comum de Avinhão e Génova.

Como parte última dos motivos risonhos, o Autor apresenta a própria renovação do espírito humano. Toma como protótipos Alberti e Da Vinci, génios capazes de descobrir continuidade em coisas aparentemente sem relação, que não sectorizam o pensamento, enraizados mas profundamente universais, embora — faz questão de realçar — fossem homens do seu tempo. No seio da Igreja, mostra a passagem para uma interiorização e uma individualização do sentimento religioso, evocando três nomes que considera importantes: Nicolau de Cusa, Leonardo Bruno e Lourenço Valla.

Na «Tentativa de Balanço», que constitui o capítulo final, Wolff retoma o que foi dito anteriormente e mostra que, se uma grande massa de documentação aponta uma variedade de paisagens, a inexistência de tabelas oficiais de preços impede uma história com bases mais firmes e uma resposta segura à pergunta-título do livro.

Que nos ficou, então, da leitura do livro? Para além da ausência de referências a Portugal, que, junto com a Espanha, parece não existir na paisagem europeia, um texto agradável, um rol de informações úteis, acompanhadas de uma bibliografia criteriosamente seleccionada e actualizada, e a certeza de que a investigação é, muitas vezes, uma tarefa de Penélope.

Quanto à tradução portuguesa, apresenta-se geralmente rigorosa e fluente, embora polvilhada, aqui e ali, de alguns traçozeiros galicismos e das fatais gralhas tipográficas. No mais, um livro bem apresentado e de particular utilidade não só para historiadores, mas também para os estudiosos das ideias e da literatura na Idade Média e do começo do Renascimento.

S. T. P.

FILIFE DE FIGUEIREDO, *A Obra Literária do P.^e Donaciano de Abreu Freire. II, O Orador Sagrado*. Estarreja, Casa Municipal da Cultura, 1988, 374 p.; *III, O Orador Sagrado*, ibidem, 1989, 336 p.

Dando sequência à publicação da obra literária do Padre Donaciano de Abreu Freire, trouxe Filipe de Figueiredo a lume mais dois tomos, dedicados aos textos que aquele sacerdote escreveu como pregador. O primeiro inclui as orações elaboradas no Seminário, nos colégios Almeida Garrett e São Carlos, para os diferentes auditórios do Porto, de Pardilhó, Estarreja, Válega, Penafiel, Arouca, Salreu, Braga. O segundo abarca o que foi escrito e proferido como pároco do Bunheiro e de Beduído, e segue a mesma linha do primeiro: antes de cada texto, uma pequena introdução.

No prefácio do primeiro volume, Filipe de Figueiro exalta as qualidades dos sermões, do escritor portanto, sem falar, todavia, das do orador, para o que seria, talvez, necessário buscar testemunhos da época. Mas é importante notar que o organizador chama a atenção para um facto: o de ser o Padre Donaciano figura emergente numa crise da oratória sagrada em Portugal.

Já nos primeiros sermões, apesar dos verdores de quem começa, podem-se notar as preocupações literárias, que se vão acentuando cada vez mais, o que não passa despercebido a Filipe de Figueiredo. Mas, além disso, sente-se em Donaciano de Abreu uma constante necessidade de relacionar Igreja e realidade social. Ordenado logo após a proclamação da República Portuguesa, vive no púlpito a política da separação.

Os sermões documentam ideias amplamente debatidas na época. Paralelamente à defesa dos padres e da missão que lhes é confiada, os textos clamam contra as novas ideias, combatendo o divórcio, que Donaciano vê como «uma barbaridade em relação à mulher», e a esterelidade do amor, «um cálculo que se amplia nas operações de economia política». A educação feminina também é objecto das suas observações. Para ele, o «espírito da mulher é como um barco encantador, alado, temerário, vagando à mercê de todas as correntes... É preciso uma aurora para fixá-lo — e lastro para o carregar — de contrário, mil ventos arrastá-lo-ão a todos os princípios!». No entanto, dar-lhe ciência seria «um gracejo semelhante ao de meter uma bola de chumbo no cálice duma flor, feito para receber o orvalho dos céus!».

A mulher mãe, plebeia ou rainha, aparece inúmeras vezes nos sermões do Padre Donaciano tendo sempre por modelo a Mãe de Deus. Aliás, entre os seus temas predilectos, está a Virgem. Imaculada Conceição, Senhora das Águas, das Dores, do Carmo, da Vitória, do Pilar, do Parto, da Lapa... com as mais variadas tintas faz o seu retrato: «A frente de Maria é pura, nimhada por uma casta cabeleira, pura como um lírio dos campos, cândida como a crista das geleiras que esperam os beijos do sol, porque é feita para os lábios carinhosos do Menino Deus, porque deve trazer um dia uma coroa de rainha, porque deve figurar com honra numa auréola de doze estrelas. Os olhos da Virgem são profundos, muito profundos, abissais, porque têm rios de lágrimas para correr, luminosos porque vêem em Deus e Deus os vê acariciadores porque vigiam o pequeno tesouro do presépio, e têm clarões, e bênçãos e prantos e pálpebras perfeitas e círios perfeitos para velar os sonos estáticos e as